À la recherche d'une voix perdue

Um salão oitocentista

An nineteenth century salon. À la recherche d'une voix perdue

Maria Ivone de Ornellas de Andrade

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/cultura/265>

DOI: 10.4000/cultura.265

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM — Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2011

Paginação: 203-216

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Maria Ivone de Ornellas de Andrade, «Um salão oitocentista», *Cultura* [Online], Vol. 28 | 2011, posto online no dia 09 maio 2013, consultado o 21 setembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/265> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.265>

Cultura is licensed under a Creative Commons Atribuição 4.0 International.

Um salão oitocentista. *À la recherche d'une voix perdue*

Maria Ivone de Ornellas de Andrade*

Ao Marquês de Fronteira, Dr. Fernando Mascarenhas que, em homenagem à sua quintavó, faz reviver as Letras e as Artes na sua Fundação, no conhecido Palácio Fronteira.

Os salões de Benfica, outrora tão desertos, eram nesta época muito frequentados, não só porque minha Avó atraía ali a sociedade, pelo seu talento e espírito, mas porque os elegantes procuravam conviver com minhas tias que, tendo estado muitos anos fora de Portugal, passavam pelas primeiras elegantes.

Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna

La femme au dix-huitième siècle est le principe qui gouverne, la raison qui dirige, la voix qui commande. Elle préside au temps, comme la Fortune de son histoire. Rien ne lui échappe, et elle tient tout, le Roi et la France, la volonté du souverain et l'autorité de l'opinion.

Edmond et Jules Goncourt, *La Femme au dix-huitième siècle*

1.

Como sabemos, os salões começam a ganhar vida em Itália, onde a tradição os faz remontar à filha do papa Alexandre VI, Lucrecia Borgia (1480-1519), que torna Ferrara palco de reuniões de artistas e de gente de Letras, como Pietro Bembo e Ariosto, que a imortaliza na sua obra-prima *Orlando Furioso*. A bem dizer, ela ressuscita o gosto pela tertúlia literária, prenunciado pelas *comissationes* romanas do período republicano, pelos banquetes de sábios “enciclopedistas” e pelas *recitationes*, as leituras públicas, tão ao gosto do império¹.

* CHC, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia.

¹ A propósito, lembramos dois paradigmas da literatura de banquete: os *Deipnosophistas* de Ateneu (fl. c. de 200 d. C.) em que vinte e três intelectuais, em Roma, tendo como pretexto o convívio ao longo de alguns jantares, discorrem sobre gastronomia, literatura e outros assuntos; ou, desta feita em latim, as *Saturnalia* de Macróbio (c. de 400 d. C.), onde um grupo de eruditos, aproveitando três banquetes festivos durante as Saturnais, dialogam sobre vários temas de cultura, desde cozinha a teologia, passando por questões de direito, ciência, crítica literária e filosofia.

Em França, mais precisamente em Paris, o salão assume uma enorme importância socio-cultural. Invenção do século XVII, escolas de gosto e cenáculos de opinião, os salões eram pequenos reinos onde a mulher ascendia a rainha² e aí exercia a elevada arte do convívio – o génio da sociabilidade. É o século da sociedade das *précieuses*, mas não das *Précieuses ridicules*, na zombaria algo misógina de Molière³. Seiscentista é o hotel de Rambouillet, agora tão falado por motivos verdadeiramente opostos àquele por que ficou conhecido e onde pontificava Catherine de Vivonne, a Marquesa de Rambouillet, senhora do célebre salão, já conhecido pela sua actividade em 1613, segundo uma carta do poeta François de Malherbe.

As concorridas reuniões, frequentadas por titulares e homens de espírito, purpurados mais ou menos mundanos, jovens da corte e eruditos (exactamente por esta ordem), eram igualmente animadas pela presença de belas jovens das mais ilustres famílias, cuja graça e colorido feminino eram garantia de numerosa concorrência da aristocracia masculina. Se nestes meios a *galanterie* merecia apreço, já os galanteadores eram desprezados. E ainda que o salão se prestasse a jogos amorosos, tudo era passível de se converter em literatura. Como alguém assinalou: «A l'hôtel de Rambouillet il n'y a que de la galanterie et point d'amour»⁴. Estamos no reino das ternas paixões diferidas em cumplicidades literárias, reduzidas à essência espiritual. Os cânones comportamentais sofriam transformações profundas, sobretudo em relação à mulher. Emergia uma “sociabilidade” heterossexual⁵, ou seja, assistíamos à ruptura do discurso normativo de duas sociedades vividas de modo estanque: a masculina e a feminina.

Os homens de génio, maioritariamente recrutados junto da República das Letras, não se faziam rogar, aparecendo também numerosos membros da Academia Francesa, recém-fundada por Richelieu (1635). Ali a conversação eleva-se a arte, declama-se, lê-se em voz alta, faz-se teatro, distribuindo os papéis entre si, escuta-se música ou canto, dança-se,

² Edmond et Jules Goncourt, *La Femme au dix-huitième siècle*, Paris, Nouvelle Édition, Revue et augmentée, G. Charpentier Éditeur, 1878, pp. 371-372.

³ *Les Précieuses ridicules*, Paris, Ch. Belagrave, [190-] [1659]. Gertrudes Margarida de Jesus, tanto na *Primeira Carta Apologetica, em Favor, e Defesa das mulheres* como na *Segunda [...]* (Lisboa, na Officina Francisco Borges de Sousa, 1761), dirigida ao Irmão Amador do Dezenzano, critica obras misóginas.

⁴ Louis Batifol et alii, *Les Grands salons littéraires (XVII^e & XVIII^e siècles)*. *Conférences du Musée Carnavalet* (1927), Paris, Payot, 1928, p. 33.

⁵ Maria Antónia Lopes, «Introdução» de *Mulheres, Espaço e Sociabilidade. A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (Segunda metade do século XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989. A autora debruça-se sobre o caso português, nesta época bastante distanciado dos costumes de outros países, a viver com enorme atraso relativamente à capital francesa.

fazem-se improvisos literários (madrigais, sonetos e epigramas subordinados a mote), compõem-se rondós e enigmas, improvisam-se jogos e, naturalmente, são organizadas magníficas festas. Todos conhecem a *constituição* em vigor, i.e. as normas de boa convivência e as idiossincracias da dona de casa, que a tudo preside, qual maestrina, com discreção, sageza e sofisticada elegância.

Temos conhecimento de que pelo seu salão passaram Corneille (ao que parece sem grande sucesso), Bossuet, ainda muito jovem, conduzido por Antoine Arnauld (o célebre jansenista), o citado poeta Malherbe, o abade Cottin e *tout le monde* da época, incluídas entidades de Estado, algum estrangeiro de passagem, como o duque de Buckingham, por ocasião do casamento do rei de Inglaterra com uma filha de Henrique IV, em 1625, e, naturalmente, os inevitáveis parasitas da fama.

Neste fervilhar de mundaneidade, temos notícia de que tanto Luís XIII como o seu ministro Richelieu não gozavam da simpatia da Marquesa. Esta nutria pelos dois uma instintiva e, segundo consta, mal fundada antipatia relativamente ao rei, mas justificada no caso do cardeal. Este fizera chegar ao seu conhecimento uma mal disfarçada incumbência de “espia” – destinara-lhe a prestação de informações a seu próprio respeito, mas a anfitriã respondeu com total indiferença, sem se deixar comover pela gulosa e narcísica curiosidade de Sua Eminência⁶.

Montesquieu conhecia bem a mentalidade do século XVIII e nas conhecidas *Lettres persanes* define o poder da mulher como um estado dentro do Estado. «Il n’y a personne qui ait quelque emploi à la cour, dans Paris, ou dans les provinces qui n’ait une femme par les mains de laquelle passent toutes les grâces et quelques fois les injustices qu’il peut faire. Ces femmes ont toutes des relations les unes avec les autres, et forment une espèce de république dont les membres toujours actifs se secourent et se servent mutuellement: c’est comme un nouvel État dans l’État; et celui qui est à la cour, à Paris, dans les provinces, qui voit agir des ministres, des magistrats, des prélats, s’il ne connaît les femmes qui les gouvernent, est comme un homme qui voit bien une machine qui joue, mais qui n’en connaît point les ressorts»⁷.

Conclui-se deste breve preâmbulo e da unanimidade dos especialistas que as reuniões de Rambouillet lançaram as bases do que se poderia chamar uma teoria do salão.

⁶ Louis Batifol et alii, *op. cit.*, p. 47.

⁷ Cf. «Lettre CVII», Paris, Booking International, 1993 [1721], p. 188.

2.

«Ne disputez point le charme de mes jours;
C'est mon fleuve d'oubli, [...]»

Alcipe, *Epître à une dame* [...]

Acaso a magnificência dos espaços fique aquém desse primeiro e mítico salão de Rambouillet, exceptuado algum pormenor da moda e chancela da época, a mesmíssima atmosfera reinou em qualquer dos cenáculos presididos pelo espírito luminosamente estésico de Alcipe, animado sempre por um círculo de eleitos, também eles oriundos da melhor sociedade, num renovado e incessante diálogo. Ou não se pudesse afirmar que as produções da época tendiam a passar primeiro pelo teste da oralidade⁸.

Na verdade, quer se inscrevam neste roteiro as moradas de Dona Leonor de Almeida – a Rua da Boa Morte, a Rua do Alecrim, a Rua de São Luís (não estaremos a citá-las na cronologia correcta, dado sabermos pouco a este respeito) ou, recuando no tempo, o mosteiro de São Felix no vale de Chelas com os seus *outeiros*⁹ –, a verdade é que o Palácio de Fronteira, ao Largo de São Domingos, permanece a referência emblemática.

Com argumentos de método e de maior operacionalidade, convidamos o leitor a aceitar a proposta de reduzir as múltiplas moradas de Alcipe apenas a uma: ao Palácio da Fronteira, posto não conhecermos fontes relativas aos locais por si habitados. Falta-nos em descrições ou gravuras da época do seu salão/salões o que nos sobra em testemunhos escritos pela *élite* intelectual que a ele acorreu e frequentou, além do próprio palácio, sobejamente conhecido pelos seus azulejos.

Na ausência da decoração original – mobiliário e *bibelots* –, podemos socorrer-nos de alguns objectos-*fétiches*, pertences atribuídos a Alcipe e, a partir deles, reencontrar algum desse perfume e luz de outrora. Vamos pois à *la recherche de cette voix perdue*. São referidas no *Catálogo da Exposição da obra feminina antiga e moderna*, realizada pelo jornal *O Século*, várias peças de mobiliário: a *secretária de embutidos*, onde teria escrito os últimos versos; a *estante de mesa* e outros objectos menores, como seja um *cofre de madeira* de uso corrente e ainda um *tinteiro de louça da china*¹⁰, aqui presente. Também o Marquês d'Ávila e de Bolama alude a um *guarda-jóias*, com segredo e embutidos de marfim, assim como a um

⁸ Albert Thibaudet, *Histoire de la littérature française de 1789 à nos jours*, Paris, Lib. Stock Delamain et Boutelleau, 1936, p. 53

⁹ Olga Moraes Sarmiento da Silveira, *Mulheres Ilustres: A Marquiza de Alorna (Sua influência na sociedade portuguesa) 1750-1839*, Lisboa, Liv. Ferreira, 1907, p. 36 e ss.

¹⁰ Catálogo da exposição *Às Mulheres Portuguesas. Homenagem de «O Século»*, Lisboa, O Século, 1930, pp. 25-26.

binóculo em madrepérola muito apreciado por Alcipe¹¹. A materialidade destes objectos pessoais, a bem dizer, pouco ajudaria a reencontrar a vibração da sua presença. Por isso, em última análise, Alcipe acaba por convidar-nos não a procedermos a uma reconstituição do espaço, que só poderia ser virtual, incita-nos antes a um exercício de imaginação poética.

Para tal reconstituição, não nos socorrermos excessivamente das *Memórias* de seu tri-savô, D. José Trazimundo¹². Isolados, todos os excertos respeitantes a Alcipe acabam por redundar num anedotário gracioso, é justo afirmá-lo, mas invariavelmente risível. O neto trata-a com a reverência exigida a um ser de excepção, desconfiado, porém, quanto à sua relação com a realidade quando narra «as cenas cómicas que ela fazia, apesar da sua grande ilustração»¹³. Deduzimos, hoje, pelas palavras do Marquês, que Alcipe enfermava de certa tendência para desrealizar; não no sentido psiquiátrico, sublinhamos, mas na condição de habitante desse reino de ar rarefeito que é o da poesia. Seu neto, homem da carreira das armas, bafejado pelo dom do pragmatismo, não testemunharia total simpatia por alguns comportamentos, geralmente acolhidos como excentricidades, dando lugar a embaraços na óptica de uma personalidade de carácter prático. Estamos longe de testemunhar uma afinidade electiva, na verdade: «Era só a voz da natureza que [...] falava», o neto «não confiava na sua cabeça de poeta»¹⁴.

O resultado da pesquisa levada a cabo pelo método da “hermenêutica da suspeita” fará prova, se acaso pecarmos por excesso. Lembramos, entre outros episódios, a chegada do exílio de Londres, sem licença do rei para regressar a Portugal, e a cena representada perante o corregedor que a tinha vindo notificar para sair do reino, o que aconteceu, dado ter efectivamente voltado a embarcar no mesmo paquete¹⁵; o processo de reivindicação ao fisco da Casa de Alorna e o imbróglcio com os advogados e o paleógrafo, que nada conseguiam adiantar, posto nos dias marcados para trabalharem a Condessa ter sempre o salão cheio¹⁶; as cenas cómicas resultantes do facto de a Condessa não reconhecer nenhum parente ligado ao Marquês de Pombal e os netos, apenas na sua presença, terem

¹¹ Marquez d'Ávila e de Bolama, *Marqueza d'Alorna. Algumas noticias authenticas para a historia da muito illustre e eminente escriptora, que os poetas seus contemporaneos denominaram Alcipe*, Lisboa, Imprensa de Manuel Lucas Torres, 1916, pp. 65 e 213.

¹² *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna – D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto – Ditadas por ele próprio em 1861*. Revistas e coordenadas por Ernesto de Campos de Andrada. Reimpressão fac-similada da edição da Universidade, Coimbra, IN-CM, 1929, Partes V-VI, 1986, p. 264.

¹³ *Idem*, I-II, p. 65.

¹⁴ *Ibidem*, pp. 111 e 162.

¹⁵ *Ibidem*, pp. 110-113.

¹⁶ *Ibidem*, pp. 136-137.

de fingir ausência de intimidade¹⁷; a circunstância ligada à vilegiatura em Pedrouços e as constipações ali apanhadas em consequência dos banhos¹⁸. Ainda as peripécias ocorridas durante um passeio de *paquebot* até à Costa, pelo facto de a carruagem ficar enterrada na areia, para grande ira do velho cocheiro (vestido de libré em pleno Julho) e a quase morte dos pobres machos incapazes de retirá-la do areal, com o apontamento pitoresco de o resto do caminho ser feito por Alcipe e seu convidado, Monsenhor Cherubini, em mulas emprestadas¹⁹; o rocambulesco cerco de sua casa a mando do Intendente-Geral da Polícia, Pina Manique – a propósito da secreta e recém-fundada *Sociedade da Rosa*, espécie de “maçonaria branca”²⁰ –, o qual examinou, pessoalmente, todos os aposentos²¹, motivo de um dos prolongados exílios; e outras situações, sempre tingidas de imensa comicidade, narradas com colorido e acção inegáveis por D. José Trazimundo. Convenhamos, porém, lidos certos passos das *Memórias*, que raro deparamos com uma reflexão grave sobre a dimensão da melancólica sensibilidade de sua Avó. Ela aparece, qual protagonista excêntrica, a emprestar um sabor de bizarria à dinâmica prosódica do memorialista.

3.

«Males tão novos, males tão tiranos
Vão consumindo a minha triste vida,
A doce primavera dos meus anos;»

Alcipe, *Elegia*

Todos conhecemos a nossa magnífica e *sage* Alcipe. Observemos o divulgado quadro de 1781. Somos apresentados à Condessa d'Oeynhausen, uma bela mulher de 31 anos. Vivia por essa altura em Viena e teria posado antes ou depois do nascimento da filha Maria Regina, segundo o *Quadro Cronológico da Vida de Alcipe*, organizado pelo actual Marquês de Fronteira. Regressemos à sua beleza imperial: o porte

¹⁷ *Ibidem*, p. 141.

¹⁸ «[...] minha Avó teve a fantasia de tomar a direcção dos banhos e fez com que todos adoecêssemos, porque nos constipámos, em consequência dela nos fazer lavar em água doce, logo que saíamos do mar. [...] A nossa casa tornou-se um hospital [...]» *Ibidem*, p. 151.

¹⁹ *Ibidem*, pp. 233-234.

²⁰ Marquesa D'Alorna, *Poesias*. Selecção, prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1941. Vide «Prefácio», p. XXXIII.

²¹ *Ibidem*, pp. 15-16.

esbelto teria perdurado intacto por longo tempo, inscrito numa moldura de vontade e de inteligência sensível, pedestal de onde dominava o seu *entourage*, uma sociedade de espíritos, nalguns casos iniciada em Chelas, e que se prolongará até ao fim de seus dias.

Uma reflexão em torno desta temática obriga a determo-nos nos *outeiros* organizados ou improvisados em Chelas, tertúlias culturais que desempenharam um tão importante papel na escassa sociabilidade²² dessa época de forçado exílio, tendo servido de estímulo a uma aplicação dedicada ao estudo e, sobretudo, ao desenvolvimento do talento poético de Dona Leonor de Almeida. Os dezanove anos de Chelas (1758-1777) passar-se-iam sob o signo dos corifeus da Arcádia Lusitana: Domingos Maximiano Torres (*Alfeno Cíntio*), Pedro António Correia Garção (*Coridon*), Padre Macedo – Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos (*Lemano*) e, sobretudo, o Padre Francisco Manuel do Nascimento ou apenas *Filinto*, a quem devemos o nome arcádico de *Alcipe*, assim como a esta devemos o sobrenome arcádico *Elíseo*. Contava esta cerca de dezoito anos quando o fundador da Arcádia, Correia Garção, lhe dedica a *Ode XV*:

Foi hoje, foi, que em um gentil semblante,
Amanheceu a luz da formosura;
Nunca tão bela aurora, e tão brilhante
Rompeu a noite escura.
[...]

Da ilustre *Alcipe* bela, o claro dia
Pretendo assinalar com faustas glórias,
De nossos arcos o Destino fia
O louro das vitórias.²³

Ainda frequentam o locutório do convento tanto o Dr. Sebastião J. Ferreira Barroco (*Albano*), – preferência afectiva da jovem (?) –, como o Dr. Inácio Tamagnini (*Alceste*), naturalmente o seu director espiritual, Frei José Coração de Jesus (*Almeno*) e Frei Alexandre da Sagrada Família (*Sílvio*), íntimo amigo do confessor da jovem e tio de Almeida Garrett. Todos lhe incentivam o estro poético como elemento de sublimação, servindo de refri-

²² Maria Antónia Lopes, *op. cit.*, cap. I. *Sociabilidade* é um termo cunhado por Maurice Agulhon em 1696. *Convivialidade* era o termo usado ao tempo, como podemos testemunhar nas *Recordações de Jacome Ratton sobre Ocorrências do seu Tempo em Portugal. De Maio de 1747 a Setembro de 1810*, Lisboa, Fenda, 1992 [Londres, 1813].

²³ Olga Moraes Sarmento da Silveira, *op. cit.*, pp. 34-35.

gério à dor provocada por tão desmesurado e injusto castigo²⁴. Filinto Elísio ajuda igualmente a sua amiga a suportar o político encarceramento ou desterro, convertendo ao catolicismo o horaciano e hedonista *carpe diem*:

Li teus versos, Alcipe, e quando os lia
Bem cri que com Horácio conversava.²⁵

Foi ele um dos animadores dos concorridos e «deslumbrantes» *outeiros*²⁶ de Chelas, pedindo inclusive motes às freiras. O único a opor-se ao adjectivo foi o grave jurista e catedrático António Ribeiro dos Santos (*Elpino Duriense*), cujas cantigas de amor, pela garridice, o fizeram corar de «pejo»²⁷.

Decerto a beleza de Alcipe e a de sua irmã, Dona Maria (conhecida por *Dafne* ou *Márcia*), dois encantadores talentos, despertariam sentimentos amorosos nos poetas, raça irascível, com amores-próprios susceptíveis, dando azo a alguns *quid pro quo* e conflitos ciumentos, resolvidos em duelos poéticos. O vate Manuel Maria du Bocage (*Elmano*) retribui o estímulo recebido, dedicando o 3.º tomo das *Rimas* à ilustre poetisa²⁸. Nicolau Tolentino, a avaliar pela sátira intitulada «A Função», parece não ter sido indiferente às reuniões de Alcipe²⁹. A dialéctica operada entre a norma e a realidade vai abrindo brechas nos costumes, destacando-se com ênfase a divulgação das *assembleias* e *partidas* e o papel fundamental desempenhado por estas na transformação das mentalidades³⁰. Importa lembrarmo-nos da interessantíssima correspondência de Alcipe trocada com as amigas Dona Teresa de Mello Breyner e Dona Joana Isabel de Lencastre, onde o tema dos outeiros e outros de índole intelectual eram, nalguns casos, minuciosamente abordados³¹.

A exemplo do que encontrámos em Rambouillet, também para cá dos Pirenéus pervertia-se o discurso normativo-ecclesial de duas sociedades estanques. O mito da Eva-Pandora, apesar das resistências clericais e da imagem difundida de inferioridade (*imbecillitas* da sua

²⁴ Vanda Anastácio, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*, Lisboa, Prefácio – Edição de Livros e Revistas, Lda., 2009, pp. 121-122.

²⁵ Marquesa de Alorna, *Poesias. Selecção [...]*. Vide «Prefácio», p. XIV.

²⁶ *Idem*, pp. XII-XIII.

²⁷ Olga Moraes Sarmiento da Silveira, *op. cit.*, pp. 37-38.

²⁸ Já viúva, depois de 1793, Alcipe receberá em sua casa a irmã do poeta, Maria Francisca, a viver quase na miséria. *Idem*, p. 76.

²⁹ Nicolau Tolentino de Almeida, *Obras Poéticas*, t. I, Lisboa, na Regia Officina Typografica, M. DCCCL, pp. 184-202.

³⁰ Maria Antónia Lopes, *op. cit.*, cap. I.

³¹ Marquesa de Alorna, *Sonetos*, Introdução, organização, fixação do texto, notas e bibliografia de Vanda Anastácio, Rio de Janeiro, 7Letras, 2007.

natureza corrompida³²), entrava em lento, lentíssimo ocaso. Mais: assiste-se à inversão do mito, agora é o homem quem oferece à mulher o fruto proibido do saber. No entanto, apesar destes oásis elitistas, a mulher europeia, enquanto sujeito histórico, sujeito de direitos, terá de esperar que o sol se ponha na linha do horizonte de todo o século XIX, e ainda metade do século XX, até assistir à sua aurora. Mas ali, em finais do século XVIII, a heterossexualidade social era um facto e numa circunstância deveras *sui generis*, dado ser o próprio convento o *topos* da transgressão. Conhecemos a triste história comum a conventos femininos e masculinos e, para termos uma panorâmica destes lugares de clausura feminina, basta lermos o excerto da carta de Alcipe ao pai – «Um convento é uma desgraça fatalíssima para quem tem juízo, e aquelas que o conservam [...] provam grande talento»³³; assim como alguns excertos da epistolografia da autoria de José Agostinho de Macedo, leitura recomendada por António Sérgio, um grande leitor e apreciador de uma boa prosa como de um excelente manjar. Ouçamos um passo de uma carta dirigida a uma freira sua namorada:

Já lhe disse que fui domingo de tarde, e bem de tarde a Odivelas e duas festeiras [...] ambas velhas e beatas, me gritaram do coro que fosse a uma grade, beije o pé ao Sto. na Cancela do coro, onde estavam também as criadas muito enfeitadas tocando tambor, e fazendo tamanha algazarra, que nada se ouvia, bailaram depois no coro perante o SSmo. Sacramento, que era uma consolação vê-las; era um pedaço de céu com gargalhadas do povo espectador. Fui a uma grade chamada pequena, porque todas as oito mais estavam ocupadas com guitarras e motim de dez Frades, trinta e tantos soldados de zabumba, e Freiras azambumbadas, cujo estrépito era a imagem do inferno virado com as pernas cá para cima [...]. Ora aqui tem a Mana bernardices para se divertir.³⁴

Consideramos serem desnecessários comentários, basta-nos a iluminação da *uis* cómica de Macedo neste testemunho.

³² Maria Antónia Lopes, *op. cit.*, cap. I.

³³ Cit. por Marquez d'Ávila e de Bolama, *op. cit.*, p. 109.

³⁴ Cartas «À Freira Trina D. Feliciano R***», in *Obras Ineditas de José Agostinho de Macedo. Cartas e Opusculos Documentando as Memórias para a sua Vida Intima e Sucessos da Historia e Politica do seu Tempo. Com Prefacção Critica de Theofilo Braga. Soccio effectivo da Academia*, Lisboa, Por ordem e na Typ. da Academia Real das Sciencias, 1900, p. 224. Ia longe o tempo em que fora «proibida a entrada e frequência nos conventos às pessoas de qualquer qualidade ou condição.» Cit. por Jorge Manuel Flores, *O Lúdico na Sociedade Portuguesa de Setecentos: o testamento de Merveilleux*, sep. da *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2, vol. 2 (1), 1987, p. 55. Este naturalista veio a Portugal a convite de D. João V, a fim de escrever uma «História Natural» (p. 50).

4.

Persuadida que uma das obrigações de um vassalo fiel é instruir-se [...], nunca me pareceu que o estado de mulher me excluía do trabalho de instruir-me.

Alcipe, «Despedida da Rainha»

Na sua estada na Áustria, acompanhando o marido em enviatura diplomática à corte, a Condessa d'Oeynhausen frequentou vários salões. Haveria melhor cartão de apresentação do que gozar das boas graças da imperatriz Maria Teresa e de seu filho? Na verdade, a recomendação do Duque de Lafões, que, durante o período lá passado, não só privara com a família imperial mas a ela ficara ligado pela amizade, proporcionou a Alcipe um acolhimento de verdadeira consideração. Não puderam ficar indiferentes à formosa, culta e inteligente Condessa e, a confirmar o seu apreço, oferecem-lhe a insígnia e diploma da Cruz Estrelada.

Escreveu Olga de Moraes Sarmento: «A Marquesa de Alorna viu os últimos fulgores dos Salões do século XVIII na sua passagem por França, para a corte de Viena de Áustria, onde a Arte, no seu esplendor, era consagrada na pena dos poetas como Metastásio, ali admirado, e dos sublimes compositores como Gluck e Mozart»³⁵. E Teófilo Braga questiona: «É natural perguntar de onde vêm esses renovadores impulsos?» para logo responder: «Vêm dos salões aristocráticos da França e dos salões da Alemanha do sul, influyendo pela sugestão feminina na literatura, na arte, na política, nas ciências experimentais, nos actos da filantropia [...]»³⁶.

Dona Leonor de Almeida ali privou, entre outros, com o octogenário abade e poeta Metastásio, a quem escreve poemas em italiano, e também com o músico Abade António da Costa. Não foram os vários partos e consequentes afazeres e a poetisa teria abrilhantado intelectualmente a corte de Viena. Por algum motivo Ferdinand Denis se lhe referiu nestes termos: «Au premier rang on doit mettre la Contesse de Oeynhausen, qui a écrit dans tous les genres, et qui jouit à la connaissance des langues un talent remarquable de versification»³⁷. Com feito, Alcipe cultivava o soneto, a quadra, a cantiga, a canção, a écloga, o idílio, a ode, a charada, a elegia, a epístola, o apólogo, a fábula³⁸, o epigrama e a poesia

³⁵ Olga Moraes Sarmento da Silveira, *op. cit.*, pp. 7-8.

³⁶ «Carta-Prefácio» de Teófilo Braga à obra citada de Olga Moraes Sarmento da Silveira, XII-XIII.

³⁷ *Resumé de l'histoire littéraire du Portugal et du Brésil*, Paris, Lecoq et Durey, 1826, p. 111.

³⁸ Transcrevemos excertos de «A Penna e o tinteiro»: Uma pena, presumida/d'escrever grandes sentenças,/ falava das suas obras/tão sublimes como extensas:/«Sem mim, disse ela ao tinteiro,/pouca figura farias:/ cheio de licor imundo/sem mim, triste, que serias?*/O tinteiro injuriado/vasou logo a tinta fora,/e voltou-se para a pena/dizendo-lhe: «Escreve agora.». Citado por Olga Moraes Sarmento da Silveira, *op. cit.*, pp. 72-73.

filosófica, tão em voga. Sabemo-la também pintora e Adrien Balbi, na obra *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et D'Algarve*, alude elogiosamente aos seus dotes artísticos: «On doit ajouter que Madame La Comtesse de Oeynhausen dessine parfaitement et aime passionnement les beaux-arts». Infelizmente dos vários quadros pintados, apenas nos chegou o auto-retrato *Solidão*, datado de 1780.

O seu cosmopolitismo leva-a a traduzir os poetas Klopstock e Wieland, então considerados os maiores poetas da Alemanha (por mais estranho que nos pareça, Goethe, também traduzido, não detinha, na época, a estatura conferida posteriormente). Surpreende-nos, de algum modo, que a Marquesa de Alorna fosse em vida praticamente inédita, apenas bem conhecida no seu círculo de doutos amigos, muitas vezes ampliado, clandestinamente ou não, dado que os seus poemas copiados circulavam pela capital culta.

Pensamos, no entanto, que a sua poesia, assim como a traduzida, não teriam merecido a esperada recepção. O espírito de abertura, onde repousa a adesão aos poetas da sua escolha, vale por um manifesto poético. Na sua existência enquanto poetisa está subjacente uma espécie de *pari*. A aposta desenrola-se no tabuleiro do solo estrangeiro e do território pátrio, onde, sem dúvida, dada a ignorância nativa, Alcipe perderia sempre, ganhando-se apenas a si própria. A menos que nos socorramos de Mona Ozouf ao referir Madame de Genlis. Esta advertiu a mulher-autora dos perigos que a ameaçavam: «Elle perdra la bienveillance des femmes comme l'appui des hommes, car son péché est de brouiller la frontière entre deux mondes. Si vous écrivez, dit-elle à ses héroïnes, vous sortirez de votre classe et n'entrerez pas dans la leur.»³⁹

Alexandre Herculano atribuiu-lhe, com razão, o título de *Staël portuguesa*⁴⁰, contudo importa lembrar que a nossa Alcipe não foi Germaine Necker, companheira de Benjamin Constant, filha de banqueiro, convidado a reformar o sistema caótico das finanças – exauridas diga-se a propósito – de um rei de França. Não viveu em Ferney com nenhum Voltaire, como a conhecida Marquesa du Châtelet, o que levaria a Marquesa du Deffand a escrever: «il faut pour être célèbre, être célébrée; c'est à quoi elle est parvenue en devenant maitresse déclarée de M. de Voltaire.»⁴¹ Nem secundou Mme. Lépinasse, com D'Alembert ou, ainda, Carlota von Stein relativamente a Goethe. Dona Leonor de Almeida, ou melhor Alcipe, impôs-se por si própria e foi ela a inspiradora de poetas da envergadura de um Herculano, nome que basta. Pese a verdade, segundo afirmações colhidas, o Conde d'Oeynhausen, embora culto, não estava intelectualmente à sua altura.

³⁹ Elisabeth Badinter, *Émilie, Émilie, l'ambition féminine au XVIIIe siècle*, Paris, Flammarion, 1983, 480.

⁴⁰ Alexandre Herculano, *Opúsculos*, 3.ª ed., t. IX, Lisboa, Antiga Casa Bertrand-José Bastos – Liv. Ed., 1889, p. 277.

⁴¹ Louis Batifol et alii, *op. cit.*, p. 15.

5.

Morrer é nada; é mais o que padeço.

Alcipe, *Ode* (8 de Outubro de 1824)

Agora, neste outro quadro, é esta Senhora, já octogenária, de cabeleira alva e de óculos argutos, onde perdura a antiga centelha, quem nos perscruta (o actual Marquês não desmente o ar de família), avaliando-nos através de uma vivência resgatada a muitos dramas familiares. A morte havia-lhe ceifado vários entes queridos: a irmã (1786), o marido (1793), o irmão (1813) e vários filhos (João Ulrich, o primogénito, falece com 29 anos, em 1822), sem esquecer os graves problemas de saúde das suas filhas Henriqueta e Frederica⁴², pairando sem-

pre no horizonte uma fiel precariedade económica, responsável por muita preocupação.

De tudo quanto foi escrito, concluímos que o século XIX está culturalmente marcado pelo salão da Marquesa de Alorna, «le plus concouru du monde», na apreciação do Conde de Saint Priest, datada de 1836⁴³. Transcrevemos o seu testemunho poético:

Dans votre climat séducteur,
La nature semble un prestige:
Là, sur la branche, et sur la tige,
C'est toujours ou le fruit, ou la fleur.

De votre esprit il est l'emblème,
Toujours il brille en son été,
Vaineu par son charme suprême
Pour lui le temps c'est arrêté.

a quem Alcipe replica:

⁴² Marquesa de Alorna, *Poesias. Selecção [...]*. Vide «Prefácio», p. XXX.

⁴³ Vitorino Nemésio, *Herculano. Ensaio de interpretação da sua personalidade na história do século XIX. A mocidade de Herculano até à sua volta do exílio (1810-1823)*, vol. I, Lisboa, Liv. Bertrand, 1934, p. 290.

Quand Apollon t'accorde
 Une lyre aussi touchante
 D'écouter il m'ordonne,
 Il difendit que je chante.

Ton chant ressemble à la rose
 Par son parfum, sa beauté,
 Faisant mon apotheose
 N'obtient l'immortalité.⁴⁴

Seguindo o modelo da célebre Lucrecia Bórgia, cuja teoria repousava na arte de reunir gente de espírito, o salão da Marquesa de Alorna ficou igualmente conhecido como uma verdadeira instituição, onde Alcipe governou com originalidade a opinião poética do seu tempo⁴⁵. Ao salão de uma Alcipe já idosa, sempre refúgio de elegância e de espírito, acorriam «pessoas de todas as classes da sociedade», conviveram o traído e executado Gomes Freire de Andrade, Manuel Gonçalves de Miranda, o Padre Mendes, o jovem soldado Herculano, regressado do frutuoso exílio inglês, o americanizado Abade Correia da Serra, de idade avançada; intelectuais liberais e monárquicos⁴⁶ animaram este cenáculo governado por uma mulher de talento. Estes salões, espaços que, pelo espírito, mais se avizinhavam de academias, marcadas pelos seminários, magnetizavam a curiosidade. Foram escolas de saber e meio de circulação da palavra poética. Segundo Hernâni Cidade, estes espaços perduraram até o século XX como temos conhecimento.

Escritora europeia, ao sofrer «le sacrement de la frontière», nas expressivas palavras de Albert Thibaudet, Alcipe enriquece a sensibilidade portuguesa e ecoa a deriva da sua época. Além disso, interessa acrescentar que, se de facto existe literatura de regimes de liberdade e de regimes conservadores⁴⁷, então ter-nos-emos de render à evidência: atra-

⁴⁴ A quadra (média) que completa a resposta da poetisa:

Si je mêlais mes accents
 A ton chant pur et sublime,
 De Martias les tourments
 Pourrait bien punir mon crime.

⁴⁵ Sobre a elite cultural portuguesa desta época, sugerimos a leitura de alguns capítulos da nossa obra *José Agostinho de Macedo. Um iluminista paradoxal*, Lisboa, Edições Colibri, 2001.

⁴⁶ Vitorino Nemésio, *op. cit.*, pp. 284-285. Para mais informação relativamente à sociedade portuguesa nas suas múltiplas dimensões, nestes anos politicamente muito conturbados, remetemos o leitor sobretudo para Capítulo I («A sociedade portuguesa no primeiro quartel de oitocentos») da II Parte do nosso estudo *A Contra-Revolução em Português. José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Edições Colibri, 2004.

⁴⁷ Hernâni Cidade, *A Marquesa de Alorna: sua vida e obras. Reprodução de algumas cartas inéditas*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, s.d., p. 84.

vés de um pacto *sui generis* a produção de Alcipe inscreve-se, por um lado, na tradição monárquica, embora, por outro, a poetisa seja a representante mesma da inegável vanguarda poética do seu tempo. Não sabemos se a Marquesa pertencia ao núcleo de uma sociedade indecisa, como escreveu Vitorino Nemésio, na obra que vimos citando, sabemos que, decorrente da tensão e de uma existência tocada pela tragédia, resultou o tom melancólico da sua poesia por onde emerge a estética romântica.

Dada a constância a fidelidades e a vivência numa caótica época de transição – épocas que parecem não gostar de renunciar a nada –, Alcipe exemplifica, de modo ímpar, pelas contradições, uma das mais fundas crises da nossa civilização e o anúncio de um novo paradigma por onde debutou a nossa problemática contemporaneidade.